

BIOGRAFIA INTELECTUAL DE WALTER BENJAMIN: “ESPERANÇA INFINITA, SÓ QUE NÃO PARA NÓS”

WALTER BENJAMIN'S INTELLECTUAL BIOGRAPHY: “INFINITE HOPE, JUST NOT FOR US”

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin**: uma biografia. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, 160p.

Vanessa Madrona Moreira Salles*

Walter Benjamin (1892-1940) é indiscutivelmente um dos mais importantes pensadores europeus do século XX. Esse filósofo, historiador, crítico literário, linguista, radiojornalista, resenhista, foi marcado por tempos turbulentos e apresentou fina sensibilidade para os problemas de sua época. De forma constelacional, Bernd Witte – professor de Teoria Literária na Universidade Heinrich Heine (Düsseldorf/Alemanha), em 1985, apresenta a vida e a obra benjaminianas. Estabelece uma rede entre pessoas – amigos, parentes, interlocutores, adversários etc.; cidades – Berlim, Freiburg, Zurique, Paris, Capri, Nápoles, Ibiza, Moscou etc.; e textos – livros, ensaios, resenhas etc. O cenário é sombrio: Benjamin viveu a Primeira Guerra, o período entre guerras e a deflagração da Segunda Guerra Mundial. *Outsider* intelectual por princípio, sua condição de judeu alemão em nada contribuiu para que seus dias fossem melhores.

A biografia de Bernd Witte é organizada em nove partes, sendo que as duas iniciais tratam do período de infância e de juventude, e a terceira destaca a redação da tese de doutoramento sobre o romantismo alemão. As partes quatro, cinco e seis referem-se ao importante período dos anos 1920 e, na sequência, à imigração forçada, o trabalho das *Passagens* e os textos derradeiros, particularmente as teses “Sobre o conceito de história”. Cada um desses capítulos, organizados cronologicamente, se organiza em torno de alguns escritos basilares de Benjamin: “A reforma escolar, um movimento cultural”, “Aula e valorização”, “Diálogo sobre a religiosidade do presente”, “A vida dos estudantes”, “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens”, “Sobre o programa da filosofia futura”, a tese de doutorado sobre o romantismo alemão, tradução dos *Tableaux parisiense*, de Baudelaire, “A tarefa do tradutor”, “As afinidades eletivas”, “Sobre a crítica do poder como

* Doutora em Filosofia (USP). Professora do Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC. Email: vsalles@fumec.br.

violência”, “Destino e Caráter”, *Origem do drama trágico alemão, Rua de mão única, Diário de Moscou*, “O Surrealismo”, “Teorias do fascismo alemão”, “Melancolia de esquerda”, “A politização da *intelligentsia*”, programas radiofônicos, “Comentário sobre Brecht”, *Haxixe, Crônica berlinense, Infância berlinense: 1900*, “O autor como produtor”, “O narrador”, “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica, artigo a propósito do décimo aniversário da morte de Kafka”, “Sobre alguns motivos em Baudelaire”, “Eduard Fuchs, o colecionador e o historiador”, *Passagens*, teses sobre o conceito de história, dentre outros.

Bernd Witte discorre sobre a infância berlinense desse personagem que nasce numa rica família burguesa e que vive na dependência financeira familiar até os quarenta anos. A depressão econômica de 1929 e a posterior ascensão do partido nacional socialista tornam a sobrevivência financeira de Benjamin uma questão sempre presente e preocupante. Em decorrência da impossibilidade de ser professor na universidade alemã, Benjamin se consagra como crítico e ensaísta, publicando em revistas diversas – *Mundo Literário, Jornal de Frankfurt* a Revista do Instituto de Pesquisa Social, dentre outras.

Apresenta-se, então, a criança, o jovem e o adulto Benjamin que não poderá cumprir a condição estabelecida pelo enigma da esfinge visto que não atingirá a velhice. Morreu na noite de 26 para 27 de setembro de 1940, segundo o biógrafo, devido ao consumo de uma alta dose de morfina, na cidade espanhola de Portbou, após uma frustrada tentativa de sair da França rumo aos Estados Unidos, passando pela aduana dessa cidade.

Bernd Witte, para falar da criança Benjamin, recorre aos textos benjaminianos sobre a própria infância – *Crônicas Berlinenses* e *Infância Berlinense: 1900*, que mostram o incômodo da condição burguesa para além de uma questão exclusivamente existencial.

O jovem Benjamin participa de movimentos juvenis, mas os abandona devido a uma série de divergências com os rumos que esses movimentos adquirem às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Nesse momento Benjamin assume o método para o conhecimento que adotará por toda sua vida: a crítica filosófico-histórica como substituto do sistema filosófico e de “uma práxis social que fracassou” (p. 28). Também é do período de juventude o estabelecimento das premissas de uma filosofia da linguagem original e a redação de sua tese de doutorado sobre o romantismo alemão e o texto de livre-docência sobre o drama trágico alemão.

O biógrafo indica diferentes influências no pensamento de Walter Benjamin: a origem judaica assimilada, a filosofia alemã, particularmente o neokantismo, o romantismo alemão, a amizade com Gerhard Scholem – historiador da Cabala e sionista, o comunismo via o

dramaturgo Bertolt Brecht, e explicita os termos de duas grandes influências, a princípio antagônicas: a filosofia da linguagem judaica e o materialismo dialético. Vários intérpretes estabelecem uma relação pendular entre essas duas vertentes na obra benjaminiana, ora valorizando a primeira, como é o caso de Scholem, ora a segunda, como o faz Adorno. A posição de Witte contempla ambas, no entanto, esclarecendo a peculiaridade do tratamento benjaminiano desses dois matizes. O biógrafo afirma que a posição de Benjamin em relação ao judaísmo não é de viés religioso e sim de reconhecimento da “vocação do judaísmo para uma ‘vontade cultural radical’ de natureza supranacional” que contribuiria para o “seu projeto utópico de uma consumação da cultura europeia” (p. 25).

Essa biografia apresenta ainda, de maneira discreta, o relacionamento de Benjamin com três mulheres – Dora Pollack, Jula Cohn e Asja Lacis, romances fracassados; e o círculo intelectual frequentado pelo pensador, especialmente na Alemanha e na França - George Scholem, Wiedengrund-Adorno, Max Horkheimer, Bertold Brecht, Hofmannsthal, Florens Christian Rang, Adrienne Monnier etc.

Benjamin inova ao recorrer a categorias inusitadas e investigar problemáticas até então desprezadas pela academia na construção de uma nova teoria da história – alegoria, experiência de choque, imagens de sonho, meios de comunicação de massa, iluminação profana, a metrópole moderna.

Nos anos 1930 polemiza “contra teorias conservadoras e fascistas da cultura e da sociedade”. (p. 89). Com o exílio em 1933, inicia-se o período mais conturbado financeiramente. A preocupação com a sobrevivência, a mudança constante de endereço, os problemas cardíacos têm como contrapartida intelectual a retomada do trabalho na obra das *Passagens*, iniciada em 1927. O último trabalho escrito por Benjamin, as célebres teses sobre a história, constituem “reflexão fundamental sobre a essência do tempo histórico e sobre as tarefas do historiador materialista” (p. 140).

Muitas das informações biográficas apresentadas nesse livro talvez já sejam do conhecimento daqueles que estão familiarizados com textos sobre a obra de Benjamin. No entanto, a forma de conexão dos escritos benjaminianos com o contexto de elaboração – a problemática existencial, histórica, cultural de Walter Benjamin – ilumina a compreensão de forma surpreendente. Quando Witte descreve, por exemplo, a forma de estruturação da tese de livre-docência *Origem do drama trágico alemão* – situa-a sem falsear o grau de inovação e de complexidade dessa proposição, apresenta os inusitados pressupostos epistemológicos e metodológicos utilizados pelo autor, levando o leitor a compreender que as razões da recusa

desse trabalho pela academia decorreriam da ameaça subjacente que esse trabalho implicava aos valores estéticos então vigentes na Universidade alemã. Destaca-se a interpretação do biógrafo de que o crítico se torna aqui alegorista e seu procedimento implica fazer as inúmeras citações como “um emblema barroco. Elas entram no lugar da imagem, isto é, são a *pictura* na qual o significado se encaixa em uma máxima, como *subscriptio*” (p. 66).

A tradução conta, ao final, com várias notas que apresentam as referências das obras e cartas de Walter Benjamin citadas no texto, além de notas de esclarecimento de alguns termos ou situações elaboradas pelo tradutor.

Como afirma a autora do prefácio, Marcia Tiburi, “a história de Benjamin sempre será uma história mal contada” (p. 7), e esse é o grande mérito dessa biografia, pois, ao concluir sua leitura, temos consciência que não sabemos de tudo, que é preciso ir aos textos benjaminianos. Não nos é contado tudo, e o que é dito, por vezes, parece uma construção argumentativa para dar verossimilhança à narrativa. A todo instante somos acometidos pela ambígua sensação: terminar a biografia ou interromper por um momento e buscar o texto benjaminiano mencionado? Esse é o grande trunfo desse trabalho: vida e instantâneos da obra que induzem à leitura/releitura dos textos desse grande pensador – Walter Benjamin.